300

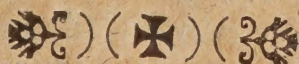
QUEIXAS
DE
AMARO MENDES GAVETA,

Estudante na Universidade de Coimbra,

CONTRA PULGAS, PERSEVEJOS, BESTAS de jornada, Arrieiros, Estalajadeiros, Lograntes, Amas, Moços, Lavandeiras, Ruas, Falta de divertimentos, &c.

ESCRITAS
EM OITAVAS PORTUGUEZAS,
E DEDICADAS
AOS NOBILISSIMOS, E PRECLARISSIMOS
PAYS DOS SENHORES ESTUDANTES
CONIMBRICENSES.

Para que vindo no conhecimento dos muitos trabalhos, que seus estudiosos filhos padecem na jornada, e Universidade, se dignem de lhes accrescentar as mezadas,

POR
DOMINGOS GONÇALES PERDIGOTO,
Vizinho do mesmo Amaro Mendes Gaveta, e assistente debaixo dos seus quartos.

LISBOA: MDCCLXV.

Na Offic. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.
Com todas as licenças necessarias.

Aos Nobiliſſimos, Preclariſſimos, e Munificentiſſimos Päys dos Senhores Eſtudantes Conimbricenſes.

SONETO DEDICATORIO.

A Voſſos nobres pés, Senhores, vaõ
Eſtas queixas; mas he de advertir,
Que ſe a voſſos pés vaõ, he para vir
Tambem alguma couſa á minha maõ.
Conheço que ſerá pouca attençaõ
Offerecer-vos tanto que ſentir;
Porèm naõ me convêm perdaõ pedir,
Pois ſou dos que naõ goſtaõ de perdaõ.
Aſſim que, ſe entenderdes que eu que ſou
Culpado, e a vingança pertendeis,
Tomay-a pelo meyo, que vos dou.
Em Coimbra minhas obras achareis,
Queimay-as, que eu por eſte damno eſtou;
Com tanto que primeiro mas pagueis.

Domingos Gonçales Perdigoto.

A O L E I T O R
S O N E T O.

P Aſſou-me pela rua hum Eſtrangeiro
Com huma arca, gritando: *Totil mundo*:
Penſando eu ſer objecto mais jucundo,
Fuy a ver; mas porèm paguey primeiro.
Moſtrou-me o maganaõ por hum luzeiro
Quatro paineis de anguſtias lá no fundo,
E hum baile de bonecos, que, ſegundo
Lhe fio me naõ leve o meu dinheiro.
Comecey a ralhar, como enfadado;
Mas o magano teve taes poderes,
Que me eſtendeo hum páo pelo coſtado.
Naõ ſou aſſim, Leitor: ſe tú me déres
Os teus par de vintens, como homem honrado,
Ralha, e torna a ralhar, quanto quizeres.

QUEI-

QUEIXAS
DE
AMARO MENDES GAVETA,

Eſtudante na Univerſidade de Coimbra.

DEitou-ſe Amaro Mendes com deſejo
De deſcançar do muito que eſtudava;
Mas apertando a pulga, e perſevejo,
O pobre de enfadado ſe arranhava:
Sentia cada baba, como hum quejo,
Até que, por fugir da caſta brava,
Deo abaixo da cama hum ſalto fórte,
E paſſeando, ſe queixa deſta ſorte:

Saõ tantos os trabalhos neſtes annos,
Que o coitado eſtudante em Coimbra colla,
Que bem poſſo affirmar, que ſó maganos
Aturaõ ſimilhante corriolla:
Se, para deſcançar dos ſeus inſanos
Trabalhos, no lançol homem ſe enrolla,
Saltando-lhe no corpo eſta canalha,
Cada picada he golpe de navalha.

Tres noites ſem dormir tenho paſſado;
Pois taes golpes me daõ eſtas danadas,
Que nem touro na praça agarrochado
Leva mais penetrantes zagunchadas:
O corpo ſempre ſahe todo pintado
Com babas, mordeduras, e picadas,
E naõ ſó pelo corpo alcança a piza;
Porque eu tenho ſarampo na camiza.

E ſe a pulga por farta nos conſente
Huma noite; em luzindo algum luzeiro,
Já nos manda ſaltar do ninho quente
A atroz barbaridade de hum ſineiro:
Levanta-ſe o Chriſtaõ batendo o dente
Com mais força, que os malhos de hum ferreiro,
Taõ leve, que eu lá fuy com eſtas preſſas
Sem cabeçaõ, e as meyas das aveſſas.

E ſuppoſto que o Ceo chova abundante
Inundaçoẽs de chuva cryſtallina,
Corre á eſcrita o miſero eſtudante,
Como os ſoldados correm á fachina:
Huma manhaã, em que houve agoa baſtante,
Depois que dey de caſco em huma eſquina,
Indo a correr com medo da janella,
Quebrey na porta ferrea huma canella.

Pois nas jornadas, que ſe naõ padece?
Dá hum pobre eſtudante o ſeu dinheiro;
E vem n'um macho, que, ſe lhe parece,
Eſtende a carga dentro em hum lameiro.
A primeira jornada (naõ me eſquece)
Vim montado na péſte de hum ſendeiro,
Que onde quer que ſentia mayor lama,
Meſmo ahi me fazia logo a cama.

E ſe he máo o rocim, ſe he máo o macho,
He peyor o Arrieiro, (oh baixa gente!)
Que ſe hum homem cahio, já o borracho
Salta neſſas eſtradas de contente:
Quaſi ſempre anda cheyo, como hum cacho;
Mas naõ obſtante que venha bem quente,
Em ſentindo a taberna no caminho,
Já começa a gritar, que venha vinho.

E dalli

E dalli taõ audaz, como coſtuma,
Taes pulhas nos encaixa neſſa eſtrada,
Que ás vezes vem tres legoas dizendo huma,
E no fim naõ eſtá inda acabada:
Sempre há de dar tal volta, que ſe ſuma
A' noite, quando vamos a pouzada;
Gritamos por Joaõ, Joaõ por brio
Deixa gritar ſeu amo a eſſe frio.

Pois na eſtalajem, primeiro que entremos
No quarto, o que ſe paſſaõ de demoras!
E noſſo amo a dizer-nos, que eſperemos,
Que vay logo, e o ſeu logo ſaõ tres horas:
E depois vem a cea, que comemos
Mais crua, que as corrêas das eſpóras;
Deſorte, que mil vezes nos ſuccede
Puxar de dente, e o caſco ir á parede.

Na cama, que nos daõ, por vida minha
Que naõ ſey como há quem dormir poſſa;
Porque he magro o colchaõ, como ſardinha,
Os lançóis ſaõ de cor de çaragoça:
Depois he neceſſaria huma mezinha
A quem ſe quer livrar de alguma coça;
Porque ſempre lhe daõ os lançóis finos
Ou camada de ſarna, ou de ladrinos.

Vamos a fazer contas no outro dia,
E apenas diz noſſo amo: *bem lhe preſte*,
Salta nas bolſas huma epidemia,
Entra pelos dinheiros huma péſte:
Oh boca deſaſtrada, oh boca impia,
Que palavra taõ barbara diſſeſte!
Antes quarenta pulhas de arrieiro,
Que hum *bem lhe preſte* de eſtalajadeiro.

 E que

E que direy do pó em tempo quente?
Que turba ainda mais a luz do dia,
Que o fumo de huma náo, que de repente
Na guerra diſparou a artilheria:
Naõ ſe vê huma á outra a triſte gente,
Pois tanto pó nos olhos ſe lhe enfia,
Que eſtou certamente ſuſpeitoſo,
Que do pó me naſceo ſer remeloſo.

E inda hoje ſe vejo algum reméla,
E ſey que elle naõ bebe muito vinho,
Logo me vem á maõ dizer, que aquella
Doença he da poeira do caminho:
Daquelle, que tem ſó huma janella,
Tambem digo, que o pobre coitadinho
Recebeo pó na viſta em tanto extremo,
Que Cocles lhe chamou, ou Poliphemo.

Se em alguma jornada as ſobrancelhas
O rio pó na eſtrada naõ paſſáraõ,
He, porque, dando a chuva nas orelhas
Das beſtas, he hum *nó*, com que ellas páraõ;
E ſe a eſpóra lhe tóca nas gadelhas,
Recuaõ, e de couce ſe prepáraõ,
Tanto, que eu huma vez fuy deſpedido,
Ficar ſobre hum calháo bem eſtendido.

Quantas vezes a gente pela eſtrada,
Por divertir ſeus males vay cantando,
E deſcambando de agoa huma pancada,
De pancada ſe cála todo o bando;
E, ſe vem com a chuva trovoada,
Huns puxaõ do roſario, e vaõ rezando,
Outros gritaõ com medo, outros ſe finaõ,
E géralmente todos ſe amofinaõ.

Tam-

Tambem he nas jornadas huma péſte
Vir com huns companheiros atrevidos,
Que coſtumaõ chamar ao povo agreſte
Sem graça, nem razaõ, vîs appellidos;
Pois por culpa dos máos a gente inveſte,
Os que eſtaõ de maldades eximidos;
Eu o ſey; pois ſem culpa no eſpinhaço
Eſtouro mammey já, como bagaço.

E naquellas jornadas de novato,
Que naõ ſoffre o eſtudante no caminho!
Delle fazendo vaõ gato çapato,
E pregando-lhe ſempre no focinho:
Eu confeſſo, que diſſe mal do trato;
Porque álèm de pagar comer, e vinho,
Pedindo depois contas do dinheiro,
O murro, e cachaçaõ era hum chuveiro.

Iſto he regularmente o que acontece
Na eſtrada a quem procura eſtes eſtudos,
Que contar o que o miſero padece
Na Cidade, ſaõ canas com canudos:
Naõ ſoffre mais, ſegundo me parece,
Hum cativo entre Mouros carrancudos,
Do que hum pobre eſtudante deſterrado
Com lograntes, com ama, e com criado.

Muitas vezes ſincéramente ſigo
Hum, de quem ſingular conceito faço,
E quando cuido que he meu grande amigo,
Elle prega-me hum opió de cachaço:
Ou me dá hum calote por caſtigo,
Ou n'uma abafaçaõ arma tal laço,
Que quando a gente menos o imagina,
Tudo lhe vay ardendo por tolina.

Lá se queixa, que tem huma jornada,
E que preciso lhe he para fazê-la,
Prestada por hum dia a nossa espada,
E em sahindo de casa vay vendê-la:
Livro, que elle pedio, tomou a estrada
Desorte, que naõ torna a voltar della:
Diga-o aquelle meu vocabulario,
Que tambem mo rapou hum salafrario.

Pede o chapéo a hum, e a outro incita
Que lho compre, que o vende accommodado,
Porèm que do dinheiro necessita,
E que o chapéo tres dias quer prestado:
Vay marchando com tudo, e excogita
Outro, e outro, a quem deixe assim cangado;
De maneira que ás vezes dá taes artes,
Que vende o seu chapéo em vinte partes.

Eis-aqui as lesoẽs, com que hum tratante
A' custa de hum sincéro se sustenta,
E deste modo ao pobre do estudante
Se de huma parte chove, de outra venta:
A ama, que sempre tem hum ar de unhante,
Com o alheyo jantar o seu augmenta;
Porèm he no furtar taõ moderada,
Que só furta métade, e nem mais nada.

Porque huma o paõ das sopas me furtava,
Para casa mandey vir a panella,
Mas cuidando esta hum dia que mandava
A sua, me mandou trazer a della:
E indo o moço a partir, no fundo achava
(A' maneira de peixe por sedella)
N'um fio de barbante pendurados,
De vaca, e de toucinho onze bocados.

ue

Que he iſto, ſenhor amo, (grita o moço,
Pegando n'uma ponta da cambada)
He, que comemos carne hoje ſem oſſo,
(Lhe diſſe eu) e noſſa ama roe a oſſada:
Daqui julguey que a carne era do noſſo
Jantar, e de outros muitos rapinada,
E firmey toda a ama eſtudantina
Com o titulo de ave de rapina.

O bem que direy dellas, he que mente
Aquelle, que de limpas as condena;
Pois no comer, ſe vem, he taõ ſómente
Hum carvaõ, hum cabello, ou huma penna:
Oh! lembra-me huma vez, que metti dente
N'uma pedra, mais era bem pequena;
Porèm teve tal traça o bom do ſeixo,
Que me levou dous dentes deſte queixo.

Eſtes os ganhos ſaõ, que me trouxeraõ
As amas; e álèm deſtes imagino,
Que, depois que furtáraõ, e comêraõ,
Me puzeraõ o nome de mofino:
Pois moço! do dinheiro, que lhe déraõ,
Furta ſem ley, ſem conta, e ſem enſino:
Diga-o eu, que ainda o meu naõ há hum dia,
Me rapou hum toſtaõ de demaſia.

Se hum homem come á noite huma ſardinha,
A cellada de rabo, a couve, o grello,
Dá comſigo na caſa da viſinha,
Sem outro intento mais, do que dizê-lo:
Em ſendo neceſſario já caminha
De modo, que naõ he poſſivel vê-lo,
E ſe o amo for homem, que dê brado,
Tóma elle o appellido de Callado.

Se-

Se acertou de encontrar baú aberto,
Ou ſe acolheo com chave, que lhe diga,
O que achou de comer, tenhaõ por certo,
Que ſe fechou com elle na barriga:
E ſe para algum acto, que eſtá perto,
Se guardou lá dinheiro, e elle o lobriga;
Chama-lhe ſeu, e logo ſe deſpede
Em latim, porèm contas naõ as pede.

Vejaõ em que trabalhos, em que lidas
Fica o amo faltando-lhe o dinheiro:
Huns dizem, que o levou Joaõ das bebibas,
Outros, que ſe gaſtou no paſteleiro:
E apenas lá na terra ſaõ ſabidas
Eſtas novas, o pay, ſem que primeiro
Examine a verdade, de codilho,
Préga baixa no ſoldo ao pobre filho.

Até as deſaſtradas lavandeiras
Obraõ em noſſo damno maravilhas;
Porque dando-lhe nós peças inteiras,
Reſtituem farrapos, e rodilhas:
Tres lenços, tres camizas das cazeiras,
Tres lançóis me fizeraõ em eſtilhas:
Reſta agora vender eſtes bandalhos,
A quem tem nas figueiras eſpantalhos.

Tres pares de manguitos me leváraõ,
Que vieraõ depois feitos em nacos:
Dous de meyas, as quaes de lá voltáraõ
Naõ meyas, porèm cheyas de buracos:
Em fim, por naõ cançar, até raſgáraõ
Huns bocaes de huns alforges com dous ſaccos;
Já naõ há que eſta gente me derrote,
Senaõ chambre, baetas, e capote.

E que direy das ruas? taõ mal poſtas
Que quem debaixo acima ſe encaminha,
Traz as coxas das pernas deſcompoſtas,
E vem capaz de hum caldo de gallinha;
Pois huma, que lhe chamaõ Quebra coſtas,
Juro, que ſempre foy tentaçaõ minha;
Porque já huma vez eſte meu lombo
Deo nas ſuas eſcadas hum bom tompo.

E os aromas, que tem cada traveſſa,
Almiſcares, algalias, e outros cheiros!
Que buſcando quartel, a toda a preſſa
Se encaixaõ nos narizes paſſageiros:
A lama em toda a parte he taõ eſpeſſa,
Em vindo quatro dias de chuveiros,
Que enchendo-ſe os çapatos deſta praga,
Me lembra alugar beſta, que mos traga.

Alèm deſtas penſoẽs, e de hum milheiro,
Que cálo por ter paz com a Cidade,
Aqui conſome a gente o ſeu dinheiro,
E o tempo mais feliz da mocidade:
Oh deſejo fallaz, e liſongeiro
Do louvor, da ſciencia, e dignidade,
Que com fallacias, illuſoẽs, e enganos,
Nos trazes em galés por tantos annos!

Aſſine agora algum divertimentos
Na terra, para quem tanto padeçe;
Aſſinará geadas, chuvas, ventos
Tantos, que o Reyno de Eolo aqui parece:
Aſſinará da ponte os vaõs aſſentos,
Onde o maráo ocioſo naõ fallece,
E na ſua Briolanja os olhos préga
Mais vivos, que os de hum gato em huma adega.

Oh

Oh vil divertimento, oh vil recreyo,
Indigno de humas contas ajuſtadas!
Que traz á fantaſia hum vivo enleyo
De ſerpentes lethaes envenenadas:
Profiro eſta verdade com receyo;
Porque expondo-a na ponte, huns camaradas
Intentáraõ caſcar-me, e indo eu fugindo,
Me valeo hum, que alli anda pedindò.

Ir fóra a Santo Antonio, he couſa clara,
Ser hum divertimento muito juſto:
Santo bendito! ſe eſte nos faltára
Quem havia viver com tanto cuſto?
Se, quem vay viſitar-vos, contempláta,
Quanto vê que ſoffreo hum Deos auguſto;
Póde ſer que tiveſſe eſte tormento
De Coimbra por feliz divertimento.

Deſta maneira Amaro ſe queixava
Pelo muito, que em Coimbra padecia,
Até que a roxa aurora já buſcava
A chave, para abrir a porta ao dia:
Entaõ Morpheo eſcura lhe fechava
Dos flatos animaes a eſtreita via,
E, prezos os ſentidos deſta ſorte,
Se entregou o queixoſo ao irmaõ da morte.